

# PERSPECTIVAS DA SAFRINHA DE MILHO EM 1996

Alfredo Tsunechiro<sup>1</sup>  
Hiroshige Okawa<sup>1</sup>

O levantamento da previsão de safra da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), realizado no início de fevereiro de 1996, confirma o prognóstico de setembro de 1995, quanto à redução da área de plantio de milho da safra de verão (primeira safra) 1995/96 na Região Centro-Sul do Brasil. De acordo com o levantamento, a área nessa região, estimada em 8,333 milhões de hectares, corresponde a um recuo de 7,3% (-655 mil hectares) em relação ao ano anterior.

A produção, entretanto, deverá apresentar queda mais acentuada, em função dos efeitos de uma severa e prolongada estiagem em dezembro na Região Sul (principalmente no Rio Grande do Sul), sobre a produtividade das lavouras. Nos demais estados da região, o veranico não causou prejuízos muito sérios à cultura.

A produção prevista da safra de verão no Centro-Sul é de 25,207 milhões de toneladas, o que corresponde a um declínio de 17,4% (-5,310 milhões de toneladas) em confronto com a da safra 1994/95. Acrescentando-se a produção prevista da safrinha (segunda safra), de 3,175 milhões de toneladas (a mesma do ano anterior), e a produção do Norte-Nordeste, de 3,770 milhões de toneladas (+3,6% em relação ao ano precedente), tem-se uma estimativa da produção brasileira de 32,152 milhões de toneladas para o ano-safra 1995/96. Isso corresponde a uma queda de 13,9% (-5,178 milhões de toneladas) em relação à produção recorde do ano anterior. O milho responderia em 1995/96 por 54,2% da queda da produção brasileira de grãos, estimada pela CONAB em 71,547 milhões de toneladas.

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) prevê queda de 6,2% da produção mundial em 1995/96, em decorrência da diminuição da produção estadunidense de 27%, a qual deve se situar em 187,3 milhões de toneladas. A produção do resto do mundo, contudo, deverá crescer 4,2% no ano. A oferta total mundial e a dos Estados Unidos deverão

ser de 659,9 milhões de toneladas (-6,2%) e 227,1 milhões de toneladas (-18,4%), respectivamente. Estão previstas significativas quedas dos estoques mundiais e estadunidense no fim da temporada (em setembro/96), estando estimados em 57,7 milhões de toneladas (-37,3%) e 12,9 milhões de toneladas (-67,5%), respectivamente.

A conjuntura mundial no ano comercial 1995/96 (outubro/95 a setembro/96) é de mercado alista, com elevações acentuadas dos preços recebidos pelos produtores estadunidenses na corrente safra, em relação à temporada precedente. São previstos preços entre US\$3,00 e US\$3,40 por bushel, o que representa um aumento médio de 41,6% em relação à safra anterior.

Conforme previsão do USDA, de janeiro de 1996, a produção brasileira em 1995/96 deverá ser de 31 milhões de toneladas, com queda de 16,1% em relação ao ano passado, enquanto o consumo brasileiro será de 36,5 milhões de toneladas, praticamente igual (-0,5%) ao da temporada precedente. Prevê-se um estoque de passagem, em fevereiro de 1997, de 2,236 milhões de toneladas, 64,1% menor que o do ano-safra anterior.

O quadro de suprimento interno de milho no ano-safra 1995/96 (março/96 a fevereiro/97), de acordo com a CONAB, deverá ser de muito aperto, estando prevista queda acentuada do estoque final, de 7,205 milhões de toneladas em 1994/95 para 2,952 milhões de toneladas em 1995/96 (-59%), em consequência da redução prevista da produção nacional (-13,9%). O estoque de passagem não é suficiente para um mês de consumo, fato que poderá gerar altas significativas no decorrer da temporada 1995/96 (Tabela 1).

Os preços de milho corrigidos para fevereiro/96, pelo Índice Geral de Preços - Disponibilidade Interna (IGP-DI), da Fundação Getúlio Vargas (FGV), com inflação em real em julho/94, mostram diminuição da amplitude de variação sazonal dos preços recebidos pelos

---

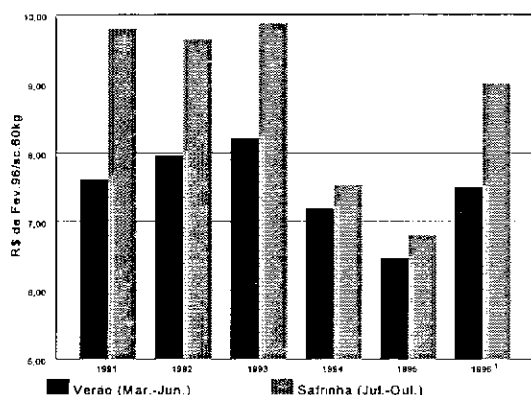
<sup>1</sup>Engenheiro Agrônomo, MS, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1 - Estimativa de Oferta e Demanda de Milho, Brasil, 1991/92 a 1995/96  
(em 1.000t)

Ano-safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque final
1991/92 <sup>1</sup>	878	30.771	340	31.989	28.500	0	3.489
1992/93	3.489	29.207	1.498	34.194	30.775	0	3.419
1993/94	3.419	33.174	1.565	38.157	32.732	0	5.425
1994/95	5.425	37.329	898	43.652	36.447	0	7.205
1995/96	7.205	32.151	1.500	40.857	37.905	0	2.952

<sup>1</sup>Estoque inicial em 01/03/92 e estoque final em 28/02/93.  
Fonte: Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB).

produtores do Estado de São Paulo nos dois últimos anos. Os preços médios do milho safrinha, que superavam em 28,8% aos da safra de verão em 1991, 21,2% em 1992 e 20,2% em 1993, passaram a se aproximar, em moeda constante, aos da safra principal em 1994 e 1995. Com efeito, a diferença entre o preço médio do milho safrinha em 1995 (R\$6,79 por saco de 60kg), tomado no período julho-outubro, superou em apenas 5,2% ao da safra de verão (R\$6,46), tomado no período março-junho. Em 1994, essa diferença foi de 4,8% (Figura 1).



<sup>1</sup>Previsão.

Figura 1 - Preços Médios de Milho Recebidos pelos Produtores do Estado de São Paulo na Safra de Verão e na Safrinha, 1991-96.

Fonte: Elaborada a partir de dados básicos do Instituto de Economia Agrícola.

A redução da amplitude de variação estacional dos preços de milho em 1994 e 1995 indica uma racional administração do carregamento dos estoques do cereal no decorrer do ano comercial, balizado pelas importações e pela venda dos estoques em poder da CONAB e dos agentes de mercado, em Aquisições do Governo Federal (AGFs) e Empréstimos do Governo

Federal (EGFs). De acordo com a CONAB, as importações no ano-safra 1994/95 foram de 898 mil toneladas, oriundas principalmente da Argentina e destinadas ao mercado nordestino do País. As AGFs de milho somavam 1,2 milhão de toneladas no fim de dezembro de 1995 (contra 1,3 milhão de toneladas em fins de agosto de 1995) e os EGFs totalizavam 5,4 milhões de toneladas no início de fevereiro de 1996 (contra 9,5 milhões de toneladas em fins de agosto de 1995).

Esses indicadores apontam para uma conjuntura de grande escassez de milho no mercado interno, com perspectivas de preços reais maiores para a safra de verão e para a safrinha 1995/96 em relação à temporada passada. Os prognósticos são de um preço médio no Estado de São Paulo entre R\$7,00 e R\$8,00 por saco de 60kg na safra de verão e entre R\$8,50 e R\$9,50 na safrinha, com restauração do diferencial de 20% entre a primeira e a segunda safra do ano. No pico da entressafra (novembro-dezembro), o preço do cereal poderá atingir de R\$10,00 a R\$12,00 o saco.

Outro fator fundamental que reforça a expectativa de altas de preços do milho é a possível continuidade do aumento (a taxas menores que as dos anos anteriores) do consumo de carnes de aves em 1996, com o consequente aumento da demanda do cereal, principal insumo da cadeia produtiva da avicultura de corte. A demanda de milho da suinocultura e avicultura de postura deverá se manter estável.

Acredita-se que a previsão da CONAB de importação de 1,5 milhão de toneladas de milho na temporada 1995/96 (março/96 a fevereiro/97) esteja amplamente superada, estimando-se numa necessidade real de importação da ordem de 4,5 milhões de toneladas para que o estoque final se situe ao redor de 6 milhões de

toneladas, volume suficiente para o consumo de dois meses.

O custo operacional da cultura do milho safrinha de 1996 no Estado de São Paulo foi estimado, com base em preços de fevereiro de 1996, em R\$256,27 por hectare para a região da Alta Mogiana e em R\$275,70 para o Vale do Paranapanema. Admitindo-se produtividades médias de 51 sacos por hectare para a Alta Mogiana e de 55 para o Vale do Paranapanema, os custos unitários estimados são de R\$5,02 e R\$5,01, respectivamente (Tabela 2). Esses valores correspondem a aumentos reais ao redor de 8% a 10% em relação aos custos da safrinha do ano passado.

Os fatores que mais contribuíram para o incremento do custo foram: mão-de-obra, fertilizantes, máquinas e equipamentos. Os encargos financeiros, por outro lado, contribuem para a redução do custo operacional, em termos reais, porquanto a taxa bruta de juros estipulada para a safrinha de 1996 (16% ao ano), descontada a inflação projetada de 15% (medida pelo IGP-DI) para 1996, resulta numa taxa líquida de 0,6%, calculada em oito-meses de financiamento. Na safrinha de 1995, os encargos estipulados

(11% ao ano mais taxa referencial - TR), descontados da inflação do período (fevereiro/95 a setembro/95), resulta numa taxa líquida de 18,9%. Dessa forma, estima-se para o crédito de custeio da safrinha de milho em 1996 um encargo financeiro de 18,3 pontos percentuais a menos que o de 1995, na hipótese de uma inflação de 15% em 1996.

As considerações anteriores permitem prognosticar uma boa rentabilidade econômica para o milho safrinha, desde que plantado em época recomendada pelos institutos de pesquisa, à medida que o risco de produção (com geada em algumas regiões e deficiência hídrica do solo em outras) aumenta com o retardamento da semeadura. Nas regiões tritícolas, como o Vale do Paranapanema em São Paulo e os Estados do Paraná e do Mato Grosso do Sul, o milho safrinha poderá perder parte da área para o trigo, e ter parte da área correndo risco de frustração, em função do atraso da semeadura. Nas demais regiões, como a Alta Mogiana paulista, onde a semeadura está sendo feita no período recomendado pela pesquisa agrônômica, a área deverá crescer em relação à safra 1994/95.

TABELA 2 - Estimativa do Custo Operacional da Cultura de Milho Safrinha, por Hectare, Alta Mogiana (Preparo do Solo Convencional, Produtividade de 3.060kg/ha) e Vale do Paranapanema (Semeadura na Palha, Produtividade de 3.300kg/ha), Estado de São Paulo, Safra 1995/96 (em real de fevereiro de 1996)

Item	Alta Mogiana		Vale do Paranapanema	
	RS	%	RS	%
Mão-de-obra	10,64	4,2	5,60	2,0
Sementes	35,33	13,8	30,68	11,1
Adubos	40,20	15,7	57,80	21,0
Defensivos	1,84	0,7	17,64	6,4
Operação de máquinas	40,56	15,8	29,62	10,7
Calagem (a cada 3 anos)	5,57	2,2	5,65	2,0
Transporte externo à propriedade	8,20	3,2	18,96	6,9
Colheita mecânica por empreita	30,00	11,7	33,04	12,0
Secagem e beneficiamento	30,60	11,9	25,30	9,2
<b>Custo operacional efetivo (COE)</b>	<b>202,94</b>	<b>79,2</b>	<b>224,29</b>	<b>81,4</b>
Depreciação de máquinas	15,58	6,1	11,17	4,1
Encargos financeiros <sup>1</sup>	10,55	4,1	11,66	4,2
Encargos sociais <sup>2</sup>	3,51	1,4	1,85	0,7
Assistência técnica <sup>3</sup>	-	-	4,49	1,6
PROAGRO <sup>4</sup>	14,61	5,7	12,56	4,6
Contribuição à seguridade social <sup>5</sup>	8,98	3,5	9,68	3,5
<b>Custo operacional total (COT)</b>	<b>256,17</b>	<b>100,00</b>	<b>275,70</b>	<b>100,0</b>
Custo operacional por saco	5,02	-	5,01	-

<sup>1</sup>Taxa de juros de 16% a.a. sobre a metade do COE por 8 meses.

<sup>2</sup>Refere-se à mão-de-obra comum e traionista (33%).

<sup>3</sup>Refere-se a 2% do COE.

<sup>4</sup>Refere-se a 9% (Alta Mogiana) e 7% (Vale do Paranapanema) do COE, considerando o limite de financiamento de 80%.

<sup>5</sup>Refere-se à contribuição de 2,2% sobre a renda bruta (R\$408,00 na Alta Mogiana e R\$440,00 no Vale do Paranapanema).

Fonte: Instituto de Economia Agrícola.